

A cada edição, explore com OSMAR LUIZ JR, o “Mindu”, o fascinante mundo da vida marinha.



# NORONHA: a ilha dos tubarões



O tubarão-limão é encontrado nas águas rasas de grandes poças de maré e piscinas naturais

**Tubarões quase** nunca aparecem em divulgações de destinos turísticos, ainda mais quando esses destinos envolvem o mar, ilhas ou praias. Animais mais “bonitinhos”, como golfinhos e tartarugas, são garotos-propaganda mais eficazes e rentáveis. A presença de tubarões, ao contrário, é geralmente mal-vista pelos gestores de turismo, pois eles têm o poder de afastar o grande público das áreas costeiras e marinhas, principalmente devido ao temor dos visitantes, causado pela falta de informação sobre os reais riscos envolvidos na relação com seres humanos. Mas, mesmo sendo pouco divulgado, é um fato inquestionável de que Fernando de Noronha é o melhor destino do Brasil para quem quer ver um tubarão vivo em seu ambiente natural – seja embaixo d’água, ou até mesmo da terra, caso você não seja um mergulhador.

Muitos visitantes que desembolsam um bom dinheiro para ir a Fernando de Noronha curtir praias ensolaradas

e observar golfinhos provavelmente pensariam duas vezes antes de tomar um banho de mar se soubessem como tubarões são comuns ali. Mergulhadores, entretanto, são outro tipo de visitante, ávidos para encontrar um tubarão durante o seu mergulho. E neste ponto Fernando de Noronha oferece um cardápio bem variado. Três espécies são muito abundantes ali; o lambaru, também conhecido como tubarão-lixo (*Ginglymostoma cirratum*), o tubarão-recifal-cinzentos ou cabeça-de-cesto (*Carcharhinus perezi*) e o tubarão-limão (*Negaprion brevirostris*). Além destas três espécies, que se reproduzem no arquipélago, ainda há relatos esporádicos de outras três espécies com hábitos mais oceânicos, mas que de vez em quando dão as caras por lá. O tubarão-baleia, o tubarão-tigre e o tubarão-martelo – este último, eu mesmo tive o prazer de presenciar na minha última visita a Noronha no ano passado.

Ao primeiro contato com um lam-

baru, o mergulhador muitas vezes se decepciona, pois ele não possui aquela aparência típica presente no imaginário humano. O lambaru lembra mais um grande bagre, e seu hábito de ficar parado debaixo de frestas das rochas, não ajuda em nada a dar mais emoção ao momento. Entretanto, se você tiver sorte o suficiente para presenciar um lambaru nadando ou caçando, certamente se impressionará com o porte e a elegância de seus movimentos.

Já o tubarão-recifal-cinzentos (chamado também de bico-fino pelos locais de Noronha) possui a aparência que todos esperam de um tubarão. Apesar de alcançar grande tamanho quando adulto – podendo chegar a dois metros e meio de comprimento – não é um animal perigoso ao homem. Os acidentes registrados com esta espécie em outros lugares foram todos em casos em que os tubarões eram alimentados por mergulhadores, induzindo o animal a um comportamento altamente arti-

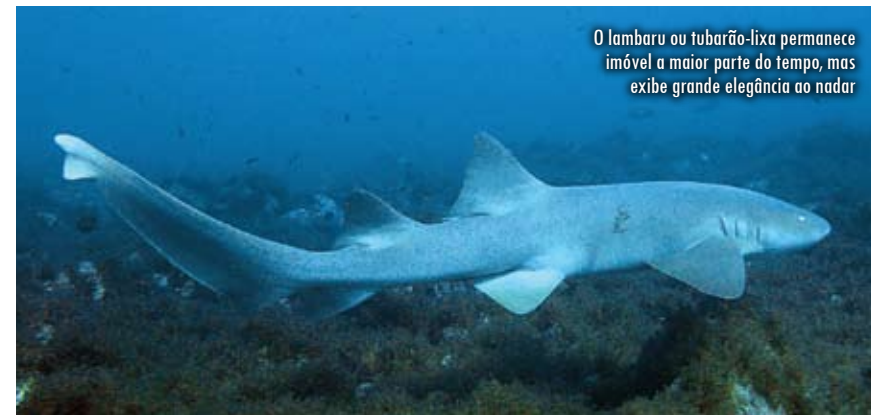
ficial. Se o mergulhador adotar uma postura passiva e de contemplação frente a um tubarão-recifal-cinzentos, as chances de ser atacado são mínimas. Para não dizer inexistentes.

O tubarão-limão tem uma aparência bastante parecida com o recifal-cinzentos, mas pode ser identificado por possuir as duas nadadeiras dorsais quase do mesmo tamanho – no tubarão-recifal-cinzentos, a primeira nadadeira dorsal é nitidamente maior que a segunda. Mergulhadores raramente observam tubarões-limão durante os mergulhos, pois estes costumam se concentrar em áreas bem rasas e grandes poças de maré. No Arquipélago de Fernando de Noronha, muitos tubarões-limão podem ser vistos por observadores em terra, nadando em águas extremamente rasas nos “Alagados da Raquel”, uma grande piscina formada na maré baixa na ponta nordeste da Ilha de Fernando de Noronha.

Durante a pesquisa que fez para sua tese de doutorado, o biólogo Ricardo Garla concluiu que Fernando de Noronha é um importante berçário para estas três espécies de tubarões. Indivíduos neonatos (recém-nascidos) são vistos frequentemente, indicando que as espécies se reproduzem no arquipélago. A pesquisa de Ricardo demonstrou que os tubarões-recifal-cinzentos são os mais abundantes em Noronha e habitam áreas específicas. Indivíduos adultos podem nadar por todo o arquipélago, mas enquanto jovens raramente se deslocam por grandes distâncias. “Os tubarões habitam preferencialmente as áreas do Parque Nacional, sendo raramente vistos dentro da área da Área de Proteção Ambiental (APA - entre o Porto de Santo Antônio e o Morro dos Dois irmãos)”, relata o pesquisador. “É provavelmente isso é reflexo da intensa atividade humana dentro da APA, que além de possuir um grande tráfego de embarcações ainda permite a pesca artesanal, que acaba capturando tubarões ocasionalmente, enquanto que a área do Parque Nacional é bem menos perturbada, sendo permitida apenas a atividade do mergulho autô-



O tubarão-recifal-cinzentos pode ser diferenciado do tubarão-limão pela diferença entre os tamanhos de suas nadadeiras dorsais.



O lambaru ou tubarão-lixo permanece imóvel a maior parte do tempo, mas exibe grande elegância ao nadar

no”. Para Garla, a única parte da APA onde os tubarões-recifal-cinzentos são relativamente abundantes é na Laje dos Dois Irmãos. “Provavelmente devido à proximidade com o limite do Parque Nacional e a alta complexidade do fundo, com diversas colônias de corais e grande diversidade de peixes”, afirma o pesquisador. E, infelizmente, lá a pesca é permitida, pondo em risco o sucesso reprodutivo do tubarão-recifal-cinzentos, uma vez que lá jovens são capturados antes de atingir a maturidade sexual.

Os tubarões são animais caracterizados pela baixa taxa reprodutiva, apresentando crescimento lento e maturação sexual tardia. Esses fatores os tornam altamente suscetíveis a diminuição populacional causada pela pesca excessiva, principalmente em uma área pequena como o Fernando de Noronha. Ao concluir sua pesquisa, o biólogo Ricardo Garla apresenta uma série de recomendações para diminuir o impacto da presença humana sobre os tubarões, entre elas a criação de um período de defeso dentro da APA na época de nascimento dos tubarões, entre outubro e março. Ricardo ainda defende que a área do Parque Nacional seja ampliada para incluir a Laje dos Dois Irmãos. “Lá se concentram tubarões jovens durante todo o ano, ocorrem peixes limpadores com o qual interagem e representa um dos maiores trechos contínuos

de cobertos por corais em toda a costa brasileira”, relata o pesquisador. “Por isso, recomenda-se que a pesca seja proibida no local o ano todo”.

O grande desafio na preservação dos tubarões é demonstrar que estes animais valem muito mais vivos do que mortos. O Arquipélago de Fernando de Noronha é o único local do país onde estes animais podem ser observados com facilidade durante todo o ano – e abundância representa grande atrativo para o turismo, desmistificando sua imagem de devoradores de pessoas. Essas espécies, afinal, não são consideradas agressivas e não existem registros de ataques em toda a história do arquipélago. A pesquisa de Ricardo desmistifica também o clamor de algumas pessoas em Noronha de que o mergulho autônomo esteja prejudicando a população dos tubarões. Foi demonstrado que eles são muito mais abundantes nas áreas do Parque Nacional – justamente onde o mergulho é mais praticado. Algumas normas de conduta, porém, devem ser praticadas pelos mergulhadores quando avistarem tubarões: manter distância mínima de um metro e meio do animal, não tocá-lo e evitar encurralá-lo, deixando sempre uma via livre de escape para sua circulação. ■

Osmar “Mindu” Luiz Jr é biólogo marinho, diretor científico do Instituto Laje Viva e autor da Prancheta de Identificação de Peixes Recifais do Brasil.